

EXPOSIÇÃO

ARTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

2023

2 | EXPOSIÇÃO



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Arte e Alterações Climáticas – Catálogo da exposição

EDITORES

Isabel Ponce de Leão • Maria do Carmo Mendes • João Ribeiro Mendes • Rui Paes Mendes

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Baião • INFAST-Instituto de Estudos do Antropoceno • Cooperativa Árvore

ARTE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Paul Valéry¹ aconselhava a que não se falasse sobre arte, posto que a verdadeira obra de arte tudo dissesse, tornando-se qualquer discurso redundante e, naturalmente, menos válido. Também Sartre² alertava para os perigos das elocuições sobre arte, pois que, mergulhando num campo de ambiguidades, poderiam escorregar das frágeis pontes que se erguem entre o quimérico e o perceptivo, o sentido e a significação, a crítica e o desvario.

Mas quando Fernando Pessoa³, em *Ideias Estéticas*, admite ser a obra de arte uma “interpretação objetivada duma impressão subjetiva”, legitima a existência de critérios exteriores regidos pelas leis da ideia, da interpretação e da subjetividade que convocam o temperamento do indivíduo, a eleição e delimitação do objeto, bem como a sua interpretação mais ou menos próxima do interpretado. Assim, generalidade, universalidade e limitação são princípios inalienáveis da obra de arte que terá como potencial fim a elevação do homem através da busca do belo. Não pactuando com o mero ludismo há, na arte verdadeira, fins valorizadores e instrutivos, observados durante a sua construção, onde conluam a profundidade psicológica e o “carácter abstrato e geral da emoção”.

Este testemunho pessoano faz-nos fugir à tentativa de definir a obra de arte que, sendo oriunda de uma necessidade de partilha, convoca campos vários como sejam o da sociologia, da economia, da filosofia, da estética... caucionando, por outro lado, o *modus faciendi* relativamente à sua valoração. Esta valoração que referimos afasta-se, naturalmente, da descoberta de falhas, erros ou influências, privilegiando, outrossim, a comunicação da forma como a obra atua. Seguindo os ditames de Kandinsky⁴, interessa-nos mais a libertação do que a limitação e, sobretudo, a não rejeição daquilo que se impõe como perseguição obstinada da descoberta da vida através da definição da própria experiência.

Impõem-se estas reflexões na aproximação que faremos ao conteúdo da presente mostra expositiva – *Arte e alterações climáticas* – onde vida e arte se presentificam (con)fundidas, permitindo-nos assim não nos determos nos ditames kantianos ou vergarmo-nos a metodologias analíticas de Richardson e Croce para, livremente, mas sem libertinagem, acolhermos os conselhos baudelairianos que ainda hoje escandalizam um certo senso comum.

Sem esquecermos a dimensão perceptível da arte, detemo-nos nos seus postulados ético e estético e não subvalorizamos a sua função utilitária, ainda que longe dos postulados marxistas-leninistas de Plekhanov. Não se trata aqui de responder à pergunta “o que é arte” – assazmente formulada por nomes como Clive Bell, Morris Weitz, George Dickie ou Nelson Goodman – outrossim repensar no inquestionável binómio que faz com a sociedade evocando a investigação de Arnold Hauser⁵, e a sua ousadia de uma eventual teorização, ao consagrar o movimento dialético que as engloba num largo processo solidário de influências mútuas em que a reciprocidade é manifesta.

¹ Cf. *Arte de pensar (ensaios filosóficos)*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

² Cf. *Le peintre sans privilèges*. In: *Situations IV*. Paris: Gallimard, 1964.

³ Cf. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

⁴ Cf. *Gramática da Criação*. Lisboa: Edições 70, 2008.

⁵ Cf. *História Social da Arte e da Literatura*. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.

Se a obra depende, em primeira instância, do autor e das condições de produção, depende também dos influxos exercidos por valores sociais, ideológicos, culturais, ambientais, comunicativos.... Tratando-se de um processo alegórico de comunicação inter-humano, torna-se claro que todos esses fatores condicionam a produção artística, sem que esta deixe de ser, por sua vez, *leitmotiv* de muitos deles.

A convicção, hoje (quase) consensualmente aceite a nível planetário, de que a ação humana tem uma influência decisiva sobre os ecossistemas – levando Paul Crutzen a cunhar o termo “Antropoceno” em 2002 – e de que as alterações climáticas têm já efeitos catastróficos na Terra, que se acentuam a um ritmo vertiginoso, constituem preocupações praticamente inexistentes até à década de 1950. Apenas 20 anos mais tarde foi tomada consciência científica sobre a dimensão aterradora do aquecimento terrestre. Como afirma o cientista do clima Michael Oppenheimer (2022: 23)⁶, as alterações climáticas “eram mais uma curiosidade do que um problema. (...) Juntei-me a um coro cada vez maior de cientistas que, durante a década de 1980, fez soar o alarme. Apenas um punhado de decisores políticos nos prestava atenção, mas hoje em dia é impossível ignorar a questão do aquecimento do planeta”.

A arte – literatura, pintura, cinema, música – é um artefacto que acompanha as circunstâncias do próprio ser humano: os momentos históricos, nos seus tumultos e sobressaltos, as inquietações humanas, na busca de felicidade, na resistência ao sofrimento, na proposta de universos futuros de harmonia e de convivência.

A literatura pode ser considerada como arte pioneira no tratamento de alterações climáticas, originando mesmo uma nova área nos Estudos Literários (seguidos pelos Estudos Culturais), institucionalizada academicamente na década de 1990: a Ecocrítica. Ela propõe-se, desde a obra seminal de Cheryl Glotfelty e Harold Fromm, *The Ecocriticism Reader* (1996), refletir sobre a interação humano-não humano. As implicações dessa reflexão são inúmeras. No domínio literário, elas levariam escritores contemporâneos a, de um modo cada vez mais insistente, fazerem de textos narrativos (romances climáticos) e poéticos (ecopoemas) pretextos para: a denúncia de atentados ambientais provocados pelo ser humano – desflorestações, construções desordenadas, comportamentos ambientalmente insustentáveis, etc.; a consciência de que, embora em ritmos distintos, todos somos e seremos cada vez mais intensamente afetados pelos efeitos das alterações climáticas; ou a noção de “racismo ambiental”, que o pensador e ficcionista indiano Amitav Ghosh identifica na abertura de um ensaio notável: *The Great Derangement. Climate change and the unthinkable* (2016). O próprio Ghosh observava com perplexidade que os escritores (inclui-se no grupo) se mostram no início do século XXI pouco interessados em questões ambientais, porventura porque, seguindo o termo freudiano “Das Unheimliche”, elas apontavam para algo misterioso, assustador e estranhamente familiar, despoletando sensações de angústia e de confusão. Curiosamente, Ghosh confessa que a história da sua família – sobretudo o impacto que causaram no seu percurso as vidas de antepassados familiares que, nas suas próprias palavras, foram “ecological refugees long before the term was invented” – levá-lo-ia a escrever “climate novels”.

⁶ “A descoberta das alterações climáticas”. Greta Thunberg (criação). O Livro do Clima. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial, 2022, pp. 23-28.

6 | EXPOSIÇÃO

Romances climáticos e eco poemas são gêneros literários que ao longo do século XX podemos encontrar em literaturas de diversos países, designadamente nas literaturas latino-americanas e de expressão anglo-saxónica. São já alertas para uma consciência, que hoje, felizmente, poucos refutam, de que as alterações climáticas perturbam a vida humana (ou o que julgávamos como inalterável e assegurado), mas também o mundo natural. Em última instância, são obras que obrigam a repensarmos a vida tal como a conhecemos e o futuro tal como o desejamos num planeta habitável e respirável.

Nos 23 anos do século XXI, a literatura tem mostrado uma consciência e um compromisso cada vez mais evidentes com as alterações climáticas.

O que é inquestionável literariamente, é-o também noutras manifestações artísticas. Pinturas, instalações, realizações cinematográficas e fotografias do atual século têm-se voltado de modo cada mais atento para as alterações climáticas, abordando-as de múltiplas formas: ora representando o extrativismo que tem convertido territórios mineralmente ricos em zonas sacrificadas; ora revelando o modo como a ação humana tem contribuído para reduzir a biodiversidade e para aumentar injustiças sociais; ora olhando para o aumento do nível das águas e o degelo das calotas polares; ora encarando a turbulenta história humanos-não humanos; ora ainda antecipando cenários que os seus autores pretendem que sejam lidos como superações da atual injustiça ecológica.

Musicalmente, o compromisso ecológico pode evidenciar-se, a título exemplificativo, na Eco acústica ambiental, um género que, utilizando novas tecnologias, chama o ambiente para a música, convocando ruídos do vento ou das ondas do mar (eg Matthew Burtner em *The Time of Ice Melting*, 1998).

O projeto *Art Works for Change*, criado em 2008 por um grupo de artistas sob direção de Randy Jayne Rosenberg, tem-se empenhado na realização de exposições de pintura, escultura e fotografia centradas em questões como gestão ambiental e sustentabilidade. A exposição “Footing the Bill: Art and our Ecological Footprint” (2020) é o exemplo mais recente de trabalho colaborativo (iniciado em 2015 para comemorar o Dia da Terra) sobre, como se lê na página *online* do projeto, “the urgent need to live sustainably within the Earth’s finite resources. The exhibition features a curated exhibition of artists whose work challenges us to reflect on our ecological footprint, as well as virtual tours from leading environmental organizations”.

Relevante é ainda o trabalho de muitos artistas que têm integrado *The Tempestry Project*, lançado em 2016 e centrado na representação do aquecimento global através de peças artísticas formadas em tricot e croché.

No domínio artístico, é incontornável uma referência ao trabalho do fotógrafo canadiano Edward Burtynsky, cujo trabalho se tem dedicado aos impactos da industrialização nos ecossistemas terrestres⁷.

A abordagem teórica das potencialidades ecocríticas do cinema é um fenómeno recente. Desde logo, importa estabelecer uma distinção entre “Ecocinema” e “Cinema Ambientalista”. A proposta de Paula Willoquet-Maricondi (2010: 45)⁸ estabelece a noção de “Ecocinema” como género que possui uma “consciousness-raising and activist intentions, as well as responsibility to heighten awareness about contemporary issues and practices affecting planetary health”. O género “Ecocinema” implica, portanto, um significado interventivo e de denúncia, como também a autora assinala: o Ecocinema “overtly strives to inspire personal and political action on the part of viewers, stimulating our thinking so as to bring about concrete changes in the choices we make, daily and in the long run, as individuals and as societies, locally and globally”.

⁷ <https://www.edwardburtynsky.com/projects/the-anthropocene-project>

⁸ *Framing the World: Explorations in Ecocriticism and Film*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2010.

Já o “cinema ambientalista” representa, para a mesma investigadora (2010: 47), um género que, em vez de conter um repto interventivo, “affirms than challenges the culture’s fundamental anthropocentric ethos”.

También la lluvia (2010), uma coprodução franco-hispano-mexicana dirigida por Icíar Bollaín, é um exemplo de cruzamento de ecocinema com documentário (cinema ambientalista, portanto). *Sunshine State* (2002), escrito e dirigido pelo norte-americano John Sayles, constitui um caso de “ecocinema”.

A exemplo do que nos últimos anos tem sido feito com textos literários clássicos, reanalisados sob o prisma da Ecocrítica (eg. a dramaturgia shakespeariana ou mesmo a dimensão ecológica do Antigo Testamento), também a teoria atual se interessa por reexaminar filmes clássicos norte-americanos (em particular os westerns) num ângulo ecológico, opondo a política extractivista e exterminadora dos mais fortes aos comportamentos protetores e harmoniosos de tribos nativas na sua interação com o espaço físico, e as espécies vegetais e animais.

A pintura contemporânea reflete, como a literatura e o cinema, preocupações com as alterações climáticas. Não são inquietações inéditas, se pensarmos, por exemplo, na leitura que um recente ensaio faz dos quadros do inglês William Turner (1755-1851) e do francês Claude Monet (1840-1926). O ensaio⁹ defende a hipótese de que as pinturas de Turner e Monet representam mudanças físicas nas condições atmosféricas causadas pela poluição.

Todavia, o interesse pictórico consistente (não pontual) pela interpretação das alterações climáticas é um fenómeno muito mais recente, ecoando porventura, como acontece com o cinema e a literatura, a acutilância contemporânea desta problemática e as suas consequências negativas sobre o humano e o não humano.

As alterações climáticas, omnipresentes no discurso mediático (em documentários, reportagens jornalísticas ou de figuras públicas comprometidas com questões ambientais) e político (em cimeiras do clima e debates que, em vários continentes, se realizam regularmente, bem como na relevância de partidos claramente voltados para problemas ambientais), são encaradas artisticamente na exposição “Arte e Alterações Climáticas” e revelam que tais mudanças reconfiguraram e reconfigurarão as potencialidades da arte e de todas as narrativas culturais.

A exposição é inédita no contexto português e a abundância de peças exibidas comprova a mobilização de um muito significativo número de artistas nacionais.

Ela resulta de um repto lançado no âmbito da realização do Green Marble 2023- Encontro Internacional de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica, organizado pelo INFAST – Instituto de Estudos do Antropoceno – e apoiado pela cooperativa A Árvore e pela Câmara Municipal de Baião.

As peças que integram a exposição instigam o espetador a observar os efeitos desestabilizadores de uma crise provocada pelos seres humanos, ao mesmo tempo que o estimulam a refletir sobre o imperativo de mudança ecológica. Não são, portanto, obras cujo propósito se confina ao preceito romântico “arte pela arte”; outrossim, revelam um compromisso ecocrítico.

⁹ Anna Albright and Peter Huybers. “Paintings by Turner and Monet depict trends in the 19th century air pollution”. In *Proceedings of the National Academy of Sciences*. Vol. 120, Number 3, 2023, pp. 1-8.

8 | EXPOSIÇÃO

Múltiplas sensibilidades estéticas se revelam nesta exposição, cujo fio condutor – Alterações Climáticas – foi cuidadosamente cumprido pelos 67 artistas. Pinturas, desenhos e esculturas, e utilização de variadas técnicas, em peças cujos títulos definem a interpretação artística das alterações climáticas, definem ainda a sensibilidade da Arte a um dos mais inquietantes – porventura o mais perturbador – problemas da existência humana na atualidade.

Os trabalhos expostos assumem um compromisso ecológico; nesse sentido, interpelam o espetador, instigam-no a pensar sobre o estado atual do planeta que (ainda) habitamos, sugerem caminhos alternativos de interação homem-Natureza, levam-no, em última instância, a interrogações e, assim se espera, a uma ação que reformule uma relação que humanamente separa Homem e Natureza e aceita que o ser humano pode *ad infinitum* dispor dos recursos naturais e não humanos.

A dimensão e a diversidade da presente mostra permitem-nos observar a transversalidade da obsessão temática presente nas várias tendências e movimentos artísticos que se desenvolveram nos séculos XX e XXI. Estamos, garantidamente, em presença de uma exposição onde todas as sensibilidades estéticas se presentificam.

No século XX, os teóricos demandam novos critérios e métodos de avaliação dos valores estéticos. Os formalistas preferiram explorar as qualidades materiais independentemente da forma e do conteúdo. Os modernistas preocuparam-se com a construção da imagem na tela, perseguindo o vanguardismo e progredindo para a abstração, acreditando, com Greenberg, nos benefícios sociais desta nova linguagem que se bipolarizou no *Kitsch* – destinado a uma cultura comercial de massas – e na pureza ideológica, estética e cultural da arte abstrata bem representada pelos salpicos de Jackson Pollock. Outros movimentos modernos – *Land Art, Pop Art, Minimalismo* –, contestando Greenberg, olharam a arte muito para além das técnicas da pintura e desenho. Numa negação aos sistemas globais para avaliação do objeto estético, motivados por nomes como Freud, Marx ou Engels, mesmo se questionados por Jean-François Lyotard, artistas e teóricos preferiram explorar a dimensão humana sem pospor a expressão artística, numa clara empatia pós-moderna.

O século XXI arrasta novos quesitos e horizontes à conceção artística. O terrorismo muçulmano, que mudou o mundo, teve fortes impactos na arte sendo que despoletou a expansão dos ideais pós-colonialistas, chamando a um primeiríssimo plano os artistas não ocidentais, as suas heranças e preocupações. A partir de Edward Said (1978)¹⁰, a ideia do oriente subalternizado foi perdendo consistência e verificou-se a atração pelo seu exotismo, através da fantasia e do erotismo propiciadores de uma interação imaginária profética da globalização. A contestação à colonização surge na demanda de sociedades igualitárias levantando questões de identidade, etnia, classe e género. Artistas ocidentais e orientais reconhecem que há um hibridismo a seguir e inspiram-se em valores longínquos das suas fronteiras culturais como os casos de Anish Kapoor ou Yinka Shonibare.

Por outro lado, a arte é usada como forma de comentário político, social, económico e ecológico, usando formas e materiais diversificados numa chamada de atenção para problemas globais de que deu conta a grande exposição internacional Documenta 12, realizada em Kassel, Alemanha, em 2007, com a participação de artistas de todo o mundo.

¹⁰ Cf. *Orientalismo*. Lisboa: Edições 70, 2021.

Mas se a tela, continua a ser o grande suporte das artes plásticas, há que ter em conta materiais diversos, muitos reciclados, geradores de uma pluralidade que, pospondo regras e limites, agilizam a liberdade criadora. Surgem instalações, fotografias, vídeo, arte conceptual – esta afastando-se da tela – uma espécie de vale tudo, muito em sintonia com os ditames de George Dickie. A pluralidade, a auto-perceção e a natureza eclética da arte atual, ignorando qualquer sistema universal de valores por forma a sugerir uma infinidade de leituras, foram claramente expressas na exposição *Sensation*, que decorreu na Royal Academy de Londres em 1997 por obras de Tracey Emin e Damien Hirst. Acresce a tudo o dito o papel das novas tecnologias na arte gerada com o auxílio da inteligência artificial de qua dão contas inúmeros websites.

Interessa-nos, muito justamente, salientar que a resposta dos artistas à proposta a esta *Arte e alterações climáticas*, tendo sido massiva, esqueceu preconceitos académicos, apresentando uma diversidade que estabelece o feliz *continuum* entre tempos, formas, modos e modas. Um relance nos trabalhos expostos leva-nos à vibração fauvista, à emoção expressionista, às dinâmicas futuristas e vorticistas, á fragmentação cubista, ao “zero da forma” abstracionista – sem exclusão *De Stijl*, *Bauhaus* e *Pós-abstração pictórica* – ao niilismo dadaísta, ao automatismo surrealista, à intervenção neorrealista, à antiarte neodadaísta, ao anti elitismo da *Pop Art*, ao minimalismo da *Op Art* contestada pelo neoexpressionismo, à rejeição limitativa da arte concetual e ás instalações que, contestando a escultura tradicional mais ortodoxa, envolvem e mobilizam o espaço expositivo sem preconceitos na seleção dos materiais.

É esta diversidade que aqui nos interessa. É verificamos que a ideia de salvar o planeta agónico, tem na expressão artística uma forte aliada, alheia a dogmas e preconceitos escolásticos. Há que ver o óbvio visível sem, sistematicamente, procurar o sentido do invisível que não pode ser postergado, mas que não tem que ser priorizado. Um pouco na senda de Aristóteles da *Ética a Nicómaco*, talvez concluamos da felicidade através da arte, uma arte útil que, em conluio com o belo, propicie ao ser humano a escolha dos meios para se realizar sem atropelos ao planeta. É este o apelo.

Isabel Ponce de Leão
Maria do Carmo Mendes
João Ribeiro Mendes
Rui Paes Mendes



GAYA

Celeste Ferreira
Óleo/tela
90x270cm (tríptico)
2023



À PROCURA DE UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE

Idalina Rosa
Mista sobre tela
100x100cm
2022



OS MEUS OLHOS SÃO VERDES

Isabel Mourão Alves
Técnica mista s/tela
80x80cm
2023



RE(NASCER)

Isabel Saraiva
Tela com técnica mista
100x100cm
2023



INCÊNDIO

Sara Morais
Acrílico e outros materiais sobre tela
Tríptico de 30x95cm
2023

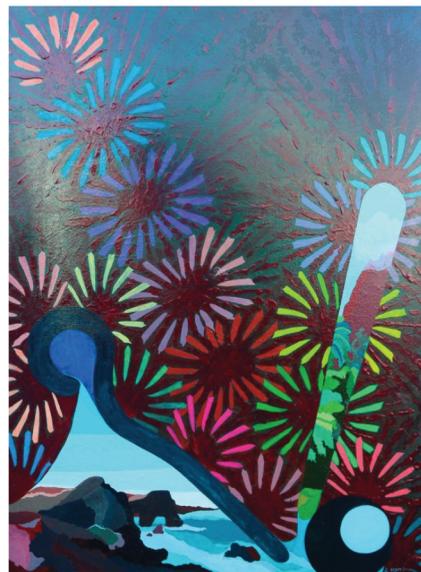
**ANTES QUE
SEQUEM OS RIOS**

Céu Costa
Mista
100x70cm
2023



**EXTERMINAÇÃO
CAMUFLADA**

Claro Sousa
Pintura Acrílica
80x60 cm
2023



**A FACE DA
IMINÊNCIA**

Hernâni Fernandes
Mista s/ tela (acrílico e óleo)
90x60x04
2023



SEM TÍTULO

Conceição Oliveira (SARO);
Técnica mista: acrílico s/tela
100x80x3,5 cm
2023





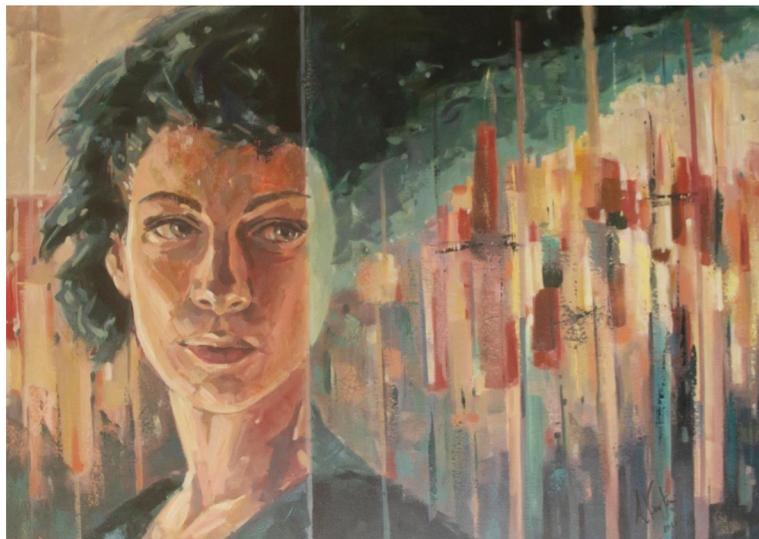
O TEMPO ESGOTA-SE

Dina de Souza
Óleo sobre tela com Resina Épóxi
80x100x2cm
2016/2021.



PEGADA DO TEMPO

Carlos Silva
Acrílico sobre tela
50x70
2017



**O OLHAR POR ENTRE
ÁGUAS**

Ari Vicentini
Acrílico sobre tela
90x70 cm
2021



THE DEATH OF MOTHER TREE

Graça Martins
Acrílico sobre tela
80x120cm
2020



RENASCER

A. Azevedo
Acrílico sob papel 100% algodão
63x51cm
1993



SECA (LEITO DE RIO SEM ÁGUA)

António Mourato
Acrílico sobre tela
70x80 cm
2023



MAR DE NÉVOA SEM VIANDANTE

Balbina Mendes
Técnica mista s/ tela
170x130cm
2023



PÉS NO CHÃO

Carmo Diogo
Técnica mista sobre tela
60x80 cm
2019



NÃO HÁ PLANETA "B": RESPEITA A MÃE NATUREZA!

Gina Marrinhas
Óleo sobre tela
155x90cm
2020



#869

João Batista
Acrílico sobre tela
70x100cm
2022



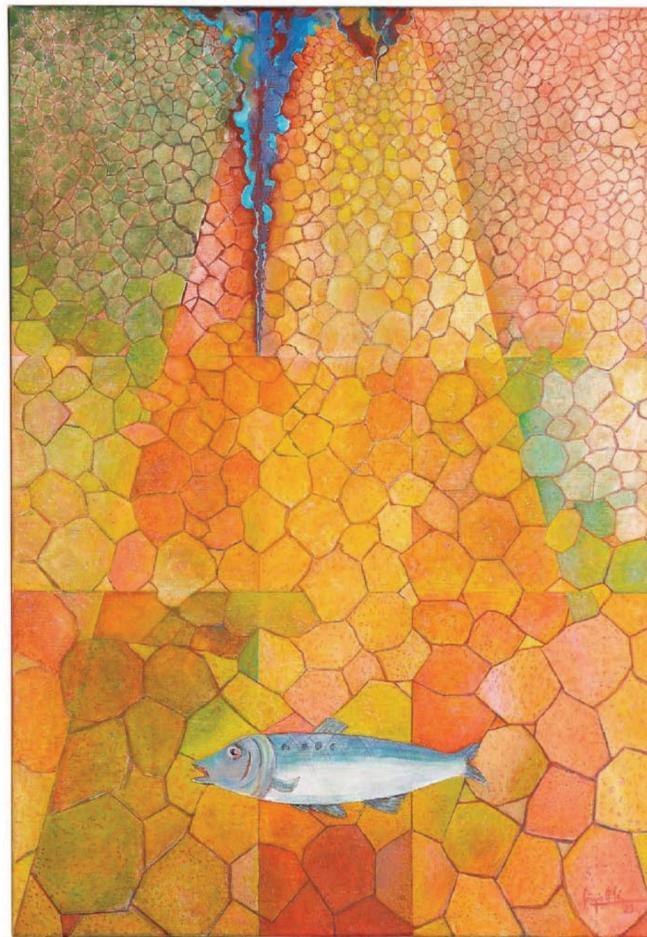
**COMPOSIÇÃO COM PALMEIRA
E ÁRVORES**

José Maia
Óleo sobre tela
110x76 cm
1986



ALEGORIA AFRICANA

José Emídio
Óleo sobre tela
150x90cm
2022



MORRI À SEDE DE ÁGUA LIMPA

Sérgio O. Sá
Acrílico sobre tela
75x50 cm
2023



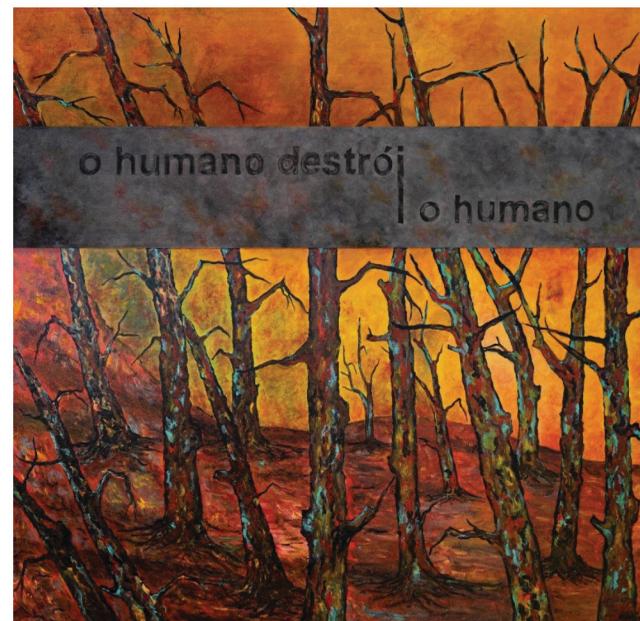
SARDINHA EM EXTINÇÃO

Acrílico sob tela com
Resina Épóxi.
80x240x4cm
2023



PLANTANO

Afonso Pinhão Ferreira
Instalação escultórica em bronze (5 peças)
70x90x60 cm
2023



O HUMANO DESTRÓI O HUMANO

Aparício Farinha
Acrílico s/tela (tríptico)
60x100+2x20x100 cm (total 100 x 100)
(HxL)
2023



**CANÇÃO ALARMANTE DO ELEFANTE CINZA
TRABALHO EM ANDAMENTO**

Arkadiy Ivashkin

Armação de metal, plástico, papel, tecido, cola,
massa de vidraceiro, tinta.

100x50x50cm

2023



TERRA QUEIMADA

Benvindo de Carvalho
Acrílico/tela de linho
100x80cm
2023



NATUREZA MORTA

Américo Moura
Óleo sobre tela
80x40cm
2007

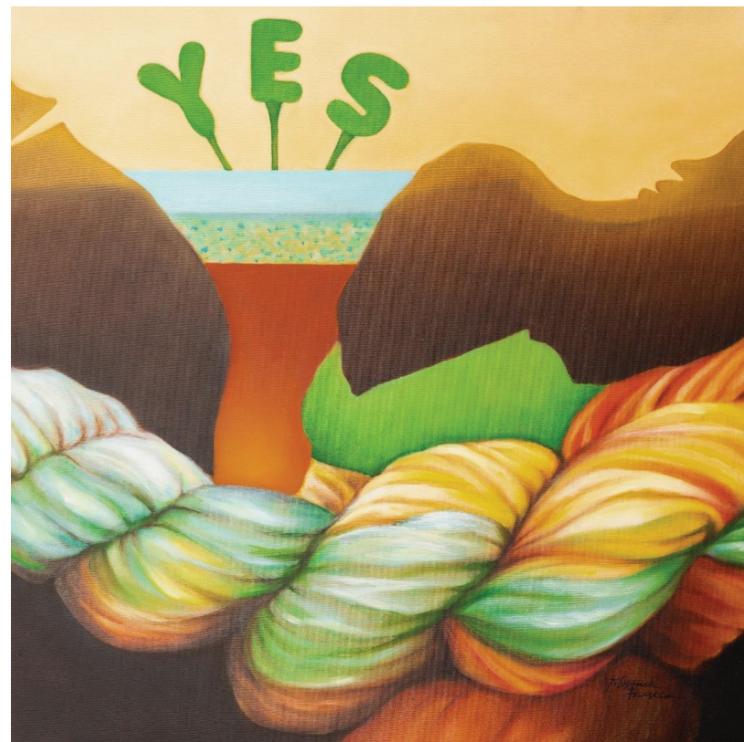


SÓ NÃO VÊ QUEM NÃO QUER

Francisco Mesquita
Photomosaic com fotos do lixo, provenientes de 25 países; Impressão digital sobre papel com moldura de madeira
30x20+50x40cm
2023

**ASTRONOMIA**

Filipe Rodrigues
Acrílico sobre tela
60x60 cm
2023

**YES**

Filomena Fonseca
Óleo s/ tela
60x60cm
2022



B DE BASTA

Alexandre ROLA
Técnica mista (lixo apanhado na praia)
sobre tela
70x85 cm
2023



AQUI QUE SUFOCO....

Antónia Gomes
Técnica mista
74x63cm
2023



URGE, ABRAÇAR A NATUREZA

Daniel Lamas
Colagem sobre base contraplacado;
botões várias cores e tamanhos
40x40 cm
2023



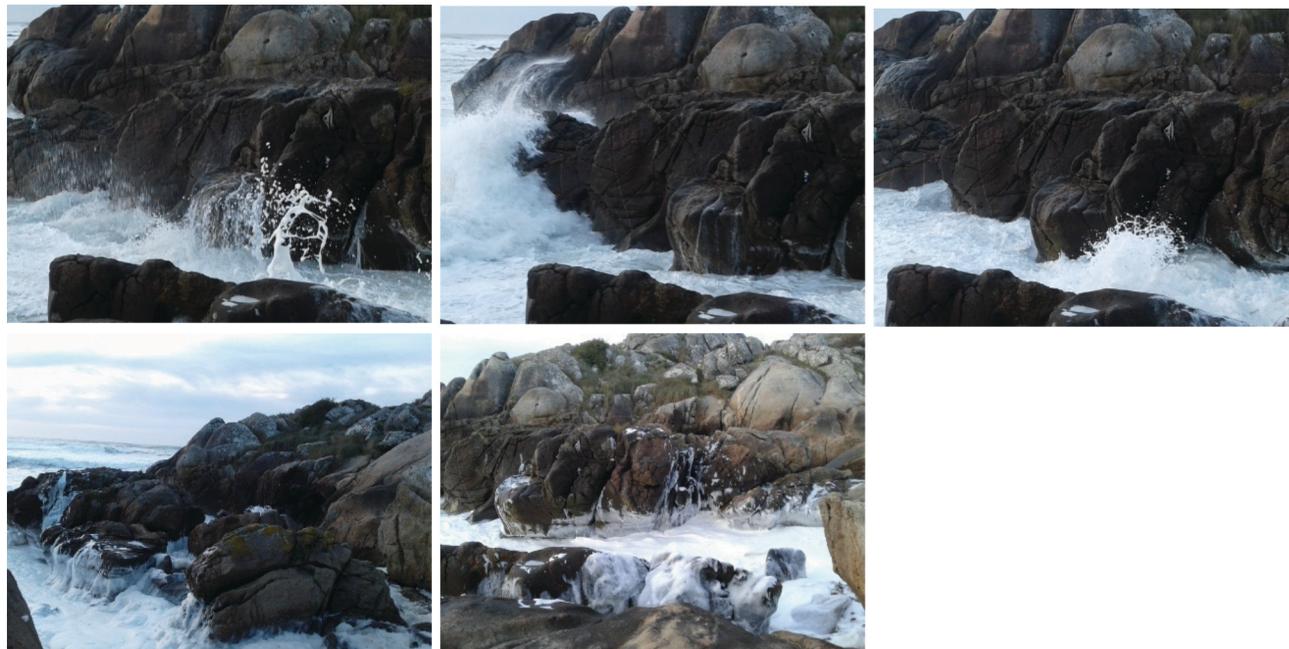
PLANETA AZUL

Francisco Simões
Pastel seco sobre papel
70x50cm
2023



DESOLAÇÃO

Ricardo Fonseca
Fotografia aplicada em dbond
60x90cm
2023



**CEMITÉRIO DAS PRAIAS ANTIGAS
DO ALCANTILADO DE MONTEDOR**

Isabel Patim
Fotografia
140X120cm
2021

**UMA CASA
NO DESERTO**

Lúis Delgado
Óleo sobre tela
61x41cm
2022



**AUTORIDADE, JÁ" /
AUTHORITY BEING NOW**

Susana Bravo
Técnica mista sobre tela /
mixed media on canvas
80x60cm
2022

... TUDO SE TRANSFORMA...

Victor Mineiro
Tronco antigo de plástico com
objetos decorativos de roupas
90x50
2021



AINDA HÁ ALGAS NO MAR...

Sónia Teles e Silva
aguarelas sobre papel
104x84cm
2023



O MERGULHO

Mónica Silva
Tinta acrílica em tela de algodão
80x80cm
2023



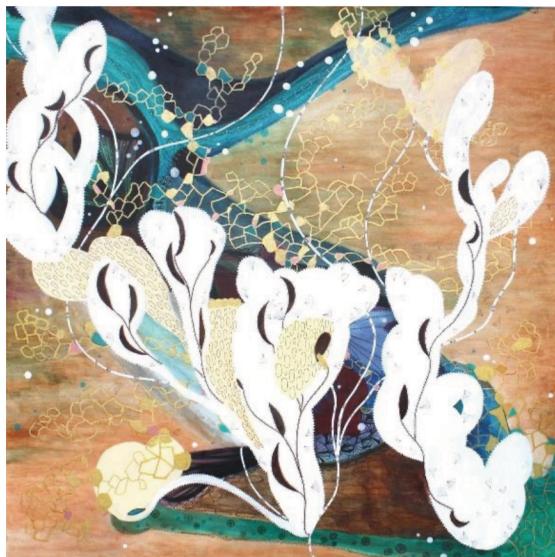
PARAÍSO A PERDER-SE

Margarida Costelha
Técnica mista sobre tela
90x90 cm
2023



DESIQUILÍBRIO

Lino
Acrílico sobre tela
100x100cm
2023



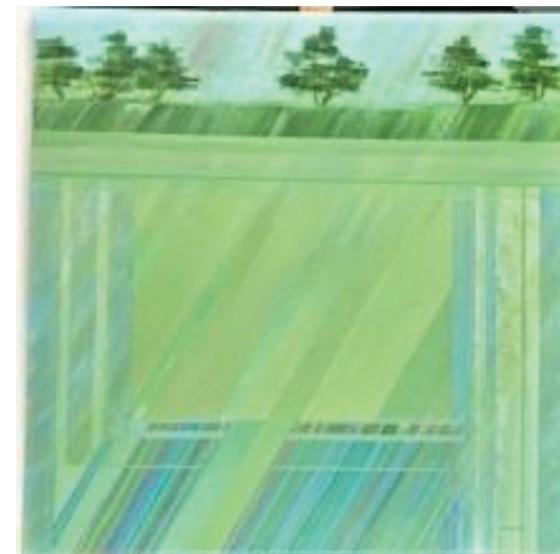
LAND/SEA/AIR=HOPE

Maria Rosas
Mista s/ tela
80x80cm
2023



... E OS EUCALIPTOS SILENCIARAM O CANTO DOS PÁSSAROS

Do Carmo Vieira
Pintura em acrílico sobre lona.
155x145cm
2023



E ATRÁS UM OUTRO LONGE IMENSO MORRE.

(SOPHIA DE MELLO BREYNER, IN NAVEGAÇÃO)
Dulce Barata Feyo
Acrílico sobre tela
100x100cm
2023



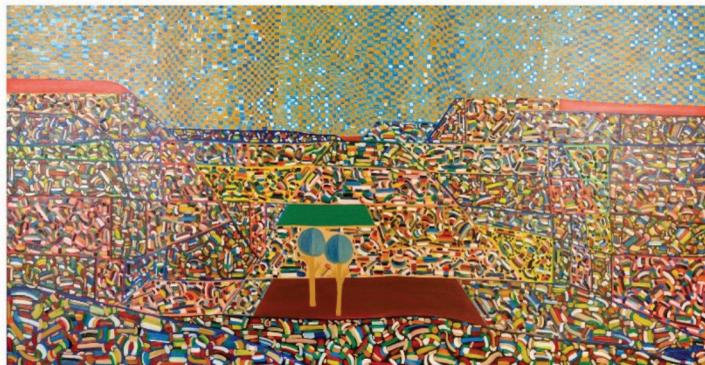
VILA ESPERANÇA

Isabelle Neri
Fotografia digital; papel fotográfico
70x50 cm
2018



POLYPORUS SANGUINEUS

Maria Rosalina Santos
Fotografia impressa em tela
50x90cm
2022



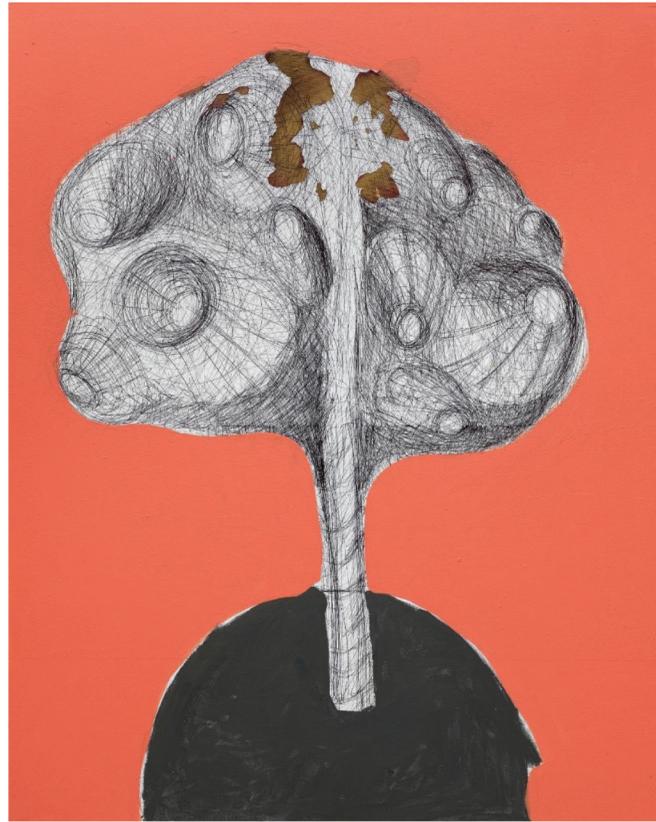
**THIS ISN'T A PRETTY PAINTING,
BUT IT COULD BE**

Fernando Hilário
Óleo sobre tela
83x165 cm
2003



LAND/SEA/AIR=HOPE

Florentina Resende
Óleo S/ Tela
100x80cm
2023



LANDeSCAPE, 2022

José Rosinhas
Tinta acrílica, esferográfica Bic cristal e
ArtGraf sobre tela
100x80 cm
2022



TERRA QUEIMADA

José António Nobre
Ardósia, betão armado e cerâmica
22 x 12 x 85 cm
2018



OUTROS MUNDOS

Júlia Pintão
Aquarela/desenho a tinta da china s/
papel manufacturado.
60x78 cm
2022



OCEANARIUM EXPERIENCE

M. Barbosa
Pintura a óleo
81x60cm
2023



DEGELO NO ÁRTICO

Isabel Babo
Escultura/arte têxtil
60x30cm
2023



THE EARTH IS BLEEDING...

Nucha Cardoso
Desenho a grafite, pedra negra e lápis de cor s/papel
70x70cm
2023



EXORCIZANDO INCÚRIAS

Manuela Mendes da Silva
Acrílico s/papel tela
30,8x40,6cm
2022



À ESPERA QUE A PAISAGEM MELHORE

Rui Aguiar
Impressão digital sobre tela
90x145 cm
2023



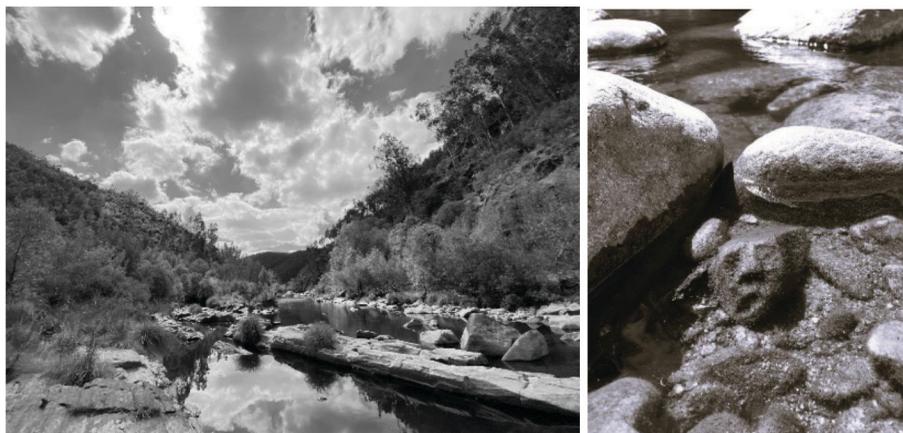
INCERTEZAS

Nancy Santos
Acrílico e óleo sobre tela; Tela em Algodão.
70x100cm
2023



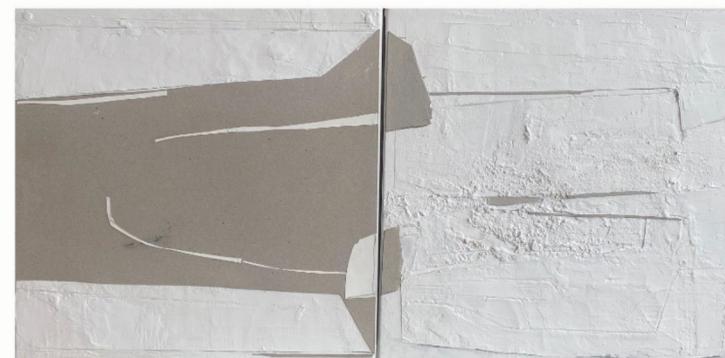
UM PRETENSIOSO PORMENOR DO UNIVERSO

Paula Bacelar
Acrílico s/ tela
141x141cm
2014



FIZ-ME RIO

Miguel Pimenta
Fotografia
225x225x1.295cm
2023



DEGELO

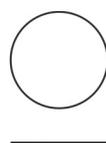
Eduarda Ferreira
Mista sobre Tela
50x100 cm
2023

**OCEANUS**

Franchini
Acrílico s/ tela de linho holandesa
90x130 cm
2023

**#**

Marta Terra
Fotografia
40x70 cm
2020



MOSTEIRO
DE ANCEDE
**CENTRO CULTURAL
BAIÃO**

www.visitbaiao.pt